

# Turismo de aventura: a busca de seu significado através da análise qualitativa de praticantes

## Adventure Tourism: a search for its meaning through a qualitative analysis of its practitioners.

Beatriz Veroneze Stigliano<sup>1</sup>  
Pedro de Alcântara Bittencourt César<sup>2</sup>

### RESUMO:

Discorre sobre possibilidades de aplicação da pesquisa qualitativa e, utilizando este instrumento, apresenta algumas reflexões sobre o termo turismo de aventura, a partir da análise de praticantes. Discute o uso de tal denominação e busca contribuir para a caracterização deste segmento, verificando alguns dos elementos que contribuem para sua conceituação.

**Palavras-chave:** turismo de aventura, turismo não convencional, esportes radicais, pesquisa qualitativa, natureza.

### ABSTRACT:

This article presents considerations on possible uses of qualitative research and, through the use of this instrument, it introduces some reflections on the term adventure tourism, according to the analysis of practitioners. It intends to contribute to the characterization of this segment, verifying some of the contributing elements to its definition.

**Key words:** adventure tourism, non-conventional tourism, extreme sports, qualitative research, nature.

### APRESENTAÇÃO

*“Qualitative inquiry cultivates the most useful of all human capacities – the capacity to learn from others”*  
(Extraído de *Halcolm’s Evaluation Laws*)

O objetivo da pesquisa acadêmica é a geração de conhecimento, que pode levar à formação de teorias (PATTON, 1990). Algumas das finalidades das pesquisas são embasar tomadas de decisões, fornecer informações para alguma ação, aplicar conhecimento para a resolução de problemas sociais e individuais, ou simplesmente “iluminar” alguma questão que nunca, ou pouco tenha sido pesquisada, a fim de aclarar o entendimento sobre determinado tópico.

Pretende-se, com esta pesquisa, apresentar uma visão inicial sobre o tema turismo de aventura, ainda pouco explorado. O objetivo principal é verificar a opinião dos entrevistados com relação à propriedade do termo turismo de aventura. Procura-se constatar se concordam com sua existência como

### FOREWORD

*“Qualitative inquiry cultivates the most useful of all human capacities – the capacity to learn from others”*  
(from *Halcolm’s Evaluation Laws*)

The objective of all academic research is the production of knowledge, which can result in the formation of theories (PATTON, 1990). Some of the objectives of research are: to support decision-making, to provide information for a particular action, to apply knowledge to solving social and individual problems, or simply to “shed light on” some issue that has never, or hardly ever been researched, in order to clarify understanding on a particular topic.

This research aims to present an initial view of adventure tourism, which is as yet a little explored theme. Its main objective is to examine interviewees’ opinions concerning the appropriateness of the term ‘adventure tourism’. It attempts to discover whether interviewees agree with its existence as a

1 Bacharel e Mestranda em Turismo – ECA/USP e mestranda em “Leisure and Environments” – World Leisure International Centre of Excellence (WICE) / Wageningen University, Holanda, email: beatriz@backpacker.comWAU/ WICE Holanda, email: beatriz@backpacker.com, beatriz.stigliano@msc.student.wau

2 Arquiteto, especialista em planejamento e marketing turístico – SENAC-SP, mestrando UNIBERO, professor UNIB, Universidade Anhembi Morumbi e Uninove, email: pedro.bittencourt@backpackermailandnews.com

uma modalidade de turismo e identificar as principais características atribuídas a essa atividade por seus praticantes.

Como objetivos secundários, busca-se verificar o papel desempenhado pela natureza nesta modalidade, as motivações dos indivíduos que a praticam e as diferenças entre um turista convencional e um turista de aventura/ecoturista ou não-convencional.

## JUSTIFICATIVA

A busca por atividades de aventura em ambientes naturais é uma tendência verificada, com maior destaque, nos últimos 20 anos. O maior desenvolvimento, entretanto, deu-se a partir dos anos 90, quando foram criadas diversas empresas que têm como produto inúmeras práticas, ou esportes, chamados de aventura, como *rafting*, *canyoning*, *rapel*, conjugados a estruturas de serviços e equipamentos turísticos voltados para atender a essa clientela de aventura.

O tema turismo de aventura foi pouco abordado pelo estudiosos do turismo, não havendo praticamente bibliografia que o aborde. O que se pretende com esta pesquisa é aclarar o assunto, buscando investigar qual o significado que lhe é atribuído pelos indivíduos que praticam alguma das atividades consideradas pelo mercado de viagens como de aventura.

## METODOLOGIA

A construção de um projeto de pesquisa qualitativo, segundo Deslandes (1983), contém elementos metodológicos fundamentais, como: a definição da amostra, que não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade, considerando, sim, quais são os indivíduos sociais que têm uma relação mais significativa com o problema a ser investigado; a coleta de dados e a organização e análise destes.

Na nossa “sociedade de entrevista”, a comunicação de massa, os fornecedores de serviços e os pesquisadores geram informação em quantidade crescente, através da realização de entrevistas.

Para a realização deste trabalho, optou-se pelo uso de entrevista, devido ao fato de promover uma grande interação entre o pesquisador e o pesquisado. Nas entrevistas realizadas, não foi seguido um roteiro formal de questões a serem formuladas literalmente de acordo com uma ordem pré-estabelecida. A ordem das perguntas variou de acordo com o fluxo natural da conversa e a evolução da seqüência de idéias do entrevistado. Optou-se pela entrevista semi-estruturada pelo fato de que, desta forma, o entrevistado tem liberdade para dizer o que acha importante, podendo-se obter,

type of tourism and can identify the main characteristics attributed to this activity by its those who practice it.

As secondary objectives, it also seeks to identify the role of nature in this type of tourism, the factors that motivate those who practice it, and the differences between conventional tourists and ecotourist/adventure or non-conventional tourists.

## JUSTIFICATION

The search for adventure activities in natural environments is a trend that has been observed, particularly during the last 20 years. However, the period of greater development began in the 1990s, with the creation of a number of companies whose product included innumerable practices, or sports, called adventure sports, such as whitewater rafting, canyoning and rappelling, and with tourism services and facilities geared towards serving this adventure clientele.

The theme of adventure tourism has received little attention from tourism scholars, and there is practically no bibliography on the issue. This research aims to shed light on the issue, and seeks to investigate the meaning attributed to it by the individuals that practice activities considered by the tourism market as adventure activities.

## METHODOLOGY

According to Deslandes (1983), the construction of a qualitative research project includes basic methodological elements such as: the definition of a sample, which does not rely on numerical criteria to guarantee that it is representative, but rather, considers who are the social individuals that are more closely associated with the issue under study; also data collection and analysis.

In today's “interview society”, mass communication, service providers and researchers are generating information in increasing amounts through interviews.

The interview was selected as a research method for this study, due to the fact that it promotes good interaction between the researcher and the interviewee. The interviews did not follow any formal sequence of questions to be formulated literally or in any fixed order, rather, the order of the questions varied according to the natural flow of conversation and development of the interviewee's train of thought. The semi-structured interview was chosen, since this gives the interviewee more liberty to say what he/she considers most important, often enabling the researcher to gain reports on aspects of the issue under study that he/she had not considered relevant, or had not even considered. This model is supported by King

frequentemente, relatos sobre aspectos da questão em estudo que o pesquisador não imaginava relevantes ou até mesmo existentes. Tal modelo é defendido por King (1995), para quem a entrevista pode ser baseada em um guia, listando tópicos sobre os quais o entrevistador deve estar atento a cobrir durante o curso da entrevista. Além disso, para ele, o desenvolvimento do roteiro de entrevista não precisa ser, necessariamente, finalizado por ocasião da primeira entrevista, podendo ser modificado ao longo da realização delas, com a inclusão de tópicos que não estavam previstos no início (KING, 1995), fato que se verificou no decorrer deste estudo.

A pesquisa contou com o uso do gravador como instrumento de registro das informações obtidas dos entrevistados. Sobre a escolha da técnica de gravador, Queiroz (1991) afirma que, através dos séculos, o relato oral constituiu sempre a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, o que equivale a dizer a maior fonte de dados para as ciências em geral. O gravador também representa um instrumento técnico próprio para anular ou, pelo menos, diminuir um possível desvio trazido pela intermediação do pesquisador.

Foram selecionados três indivíduos, de acordo com o critério de serem pessoas com algum tipo de experiência em turismo de aventura, seja como praticantes de esportes de aventura, organizadores de viagens ou guias.

Os entrevistados foram escolhidos de forma intencional, por terem o perfil que se busca compreender. As questões do roteiro de entrevista referiam-se às atividades praticadas por eles, o contexto em que elas se desenrolam e as motivações que os levam a praticá-las.

Nas entrevistas foi questionado o uso da expressão turismo de aventura, investigando-se o significado de termos como radical e aventura – largamente utilizados pelo mercado de viagens –, foi também focado o papel da natureza na realização das chamadas práticas de aventura, as motivações individuais que levam as pessoas a buscar esse tipo de experiência e as diferenças entre esse tipo de viajante e o turista convencional. As entrevistas foram planejadas de forma a proporcionar aos entrevistados a possibilidade de discorrer com liberdade sobre suas próprias experiências como praticantes, organizadores ou guias de grupos de turismo de aventura.

## **APESQUISA QUALITATIVA**

Cada indivíduo desempenha um papel na sociedade e tem influência sobre o meio ambiente que o circunda. O entendimento do contexto total e seus significados são os objetivos que o

(1995), who sees the interview as a guide, listing topics to which the interviewer must pay attention and include during the course of the interview. He also states that the development of an interview guide does not necessarily need to be in its final form for the first interview, but rather, may be modified during the interviewing process, with the inclusion of topics that were not foreseen at the start (KING, 1995). This is a factor that was observed during the carrying out of this study.

A tape-recorder was used to record the information obtained during the interviewees. Concerning the decision to use tape-recorders, Queiroz (1991) states that over the centuries, the oral report has always been the major human source of preservation and dissemination of knowledge, in other words, the major source of data for the sciences in general. The tape-recorder also represents a technical tool that is appropriate for eliminating, or at least reducing, any possible deviation brought about by the intervention of the researcher.

Three individuals were selected, according to the criteria that they must be people with some kind of experience of adventure tourism, either as practitioners of adventure sports, or as travel organizers or guides.

The interviewees were purposely selected as having the profile that this study seeks to understand. The questions from the interview guide referred to the activities practiced by interviewees, the context in which they took place and the reasons that lead interviewees to practice them.

In interviewees were questioned concerning the use of the expression 'adventure tourism', investigating the meaning of terms such as radical and adventure, which are widely used in the travel market. Other issues focused on were the role of nature in the practice of so-called adventure practices, the reasons for which people seek this kind of experience and the differences between this kind of traveler and conventional tourists. The interviews were planned in such a way that interviewees were given the opportunity to freely relate their own experiences as practitioners, organizers or guides of adventure tourism groups.

## **QUALITATIVE RESEARCH**

Each individual plays a role in society and influences the environment around him/her. The understanding of the overall context and its meanings is the objective of the qualitative researcher (LOCKE *et al.*, 1993). The qualitative researcher seeks to understand phenomena based on the view of the participants. This kind of research "sheds light on", and clarifies the internal

pesquisador qualitativo deseja obter. (LOCKE *et al.*, 1993). Os pesquisadores qualitativos tentam compreender os fenômenos a partir da visão dos participantes. Esse tipo de pesquisa “ilumina”, esclarece o dinamismo interno das situações, freqüentemente invisível para observadores externos (GODOY, 1995).

A pesquisa qualitativa fornece a possibilidade de obtenção de informações sobre as experiências individuais e pessoais dos pesquisados. Permite, pois, o estudo em profundidade e com alto grau de detalhamento, ampliando o entendimento dos casos e situações estudadas, apesar de reduzir a possibilidade de generalização, pois, geralmente, abrange uma pequena amostra do universo possível.

Para Moreira (2001), pode-se partir do princípio de que a pesquisa qualitativa é aquela que trabalha predominantemente com dados qualitativos, isto é, a transformação coletada pelo pesquisador não é expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise. Ainda sobre esta questão, Godoy (1995) afirma que os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados ou produto.

Locke *et al* (1993) apontam que a pesquisa qualitativa é uma estratégia sistemática e empírica para responder questionamentos sobre os indivíduos em um contexto social abrangente. Dado qualquer ambiente de interação, ela é um meio para descrever e procurar o entendimento sobre regularidades observadas no que as pessoas dizem, fazem e relatam sobre suas experiências. Neste tipo de pesquisa, o que importa não são os métodos utilizados para a coleta de dados, mas o que o pesquisado pensa sobre o mundo. Como o foco é o que os indivíduos dizem, suas crenças, os sentimentos que eles expressam, e essas informações são tratadas como realidades significativas, a pesquisa qualitativa retrata uma visão relativa do mundo, em que não se buscam verdades absolutas.

## ANÁLISE DOS DADOS

Todos os entrevistados são do sexo masculino, solteiros e sem filhos; têm boa condição financeira, podendo ser classificados como pertencentes às classes média e alta, possuem formação superior e idade entre 26 e 37 anos. É pertinente ressaltar que essas características não foram condições pré-estabelecidas para a escolha dos entrevistados.

O primeiro entrevistado tem 26 anos, é historiador e pesquisador, mora na cidade de São Paulo. Pratica canoagem, *trekking*, *mountain bike* e

dynamism of situations, which is often invisible to outside observers (GODOY, 1995).

Qualitative research enables information to be obtained about the individual and personal experiences of the subjects being investigated. It therefore enables in-depth, highly detailed study, deepening understanding of the cases and situations studied, albeit reducing the possibility of generalization, since it normally involves only a small sample of the potential universe.

According to Moreira (2001), a possible starting point is the principle that qualitative research deals mainly with qualitative data, i.e., the transformation collected by the researcher is not expressed in figures, or else the figures and conclusions based on it play only a minor role in the analysis. Also on this theme, Godoy (1995) states that qualitative researchers are concerned with the process and not simply with the results or outcomes.

Locke *et al* (1993) point out that qualitative research is a systematic and empirical strategy for responding to questions about individuals within a wide social context. Given a specific interactive environment, it is a means of describing and seeking to understand regular patterns observed in what people say, do and report about their experiences. In this type of research, the most important thing is not the data collection methods used, but rather, what the subject being investigated thinks about the world. Since the focus is on what individuals say, their beliefs and the feelings they express, this information being treated as significant reality, qualitative research portrays a relative view of the world, which does not seek absolute truths.

## DATA ANALYSIS

All the interviewees are male, single and without children; they are financial well-off, and be categorized as belonging to the upper and middle classes; they are educated to graduate level, and their ages range from 26 to 37. It should also be mentioned that these characteristics were not pre-established criteria for selecting interviewees.

The first interviewee is 26 years old. He is a historian and researcher and lives in São Paulo. He practices canoeing, trekking, mountain biking and speleology. He travels with varying frequency; he usually travels once a month but, depending on the time of year, he sometimes manages to get away every weekend. His most frequent destinations for practicing adventure sports are Ilhabela and Ubatuba, on the North coast of São Paulo, and Serra da Cantareira, in greater São Paulo, where spends several hours training.

The second interviewee is 29 years old. He lives in São Paulo and is the manager and owner of a

espeleologia. Viaja com frequência variada; de acordo com a época, chega a se deslocar todos os finais de semana, porém, o mais comum é uma vez ao mês. Os destinos mais frequentes para as práticas de aventura são Ilhabela e Ubatuba, no litoral norte de São Paulo e a Serra da Cantareira, na grande São Paulo, onde realiza treinos de algumas horas.

O segundo entrevistado tem 29 anos, mora na cidade de São Paulo, é administrador e proprietário de uma empresa que organiza e vende viagens não convencionais. Pratica *rafting*, *trekking*, *bungee jump*, mergulho com tubarões brancos, *rapel*, *canyoning*, paraquedismo, *kite-surf*. Atua, eventualmente, como guia de grupos de viagens não convencionais.

O terceiro entrevistado tem 37 anos, mora em São Paulo, é arquiteto. Pratica escalada em rocha, *trekking*, espeleologia, mergulho, *mountain bike* e paraquedismo, sendo que, nos últimos dois anos, não tem praticado as duas últimas modalidades; a primeira, por falta de oportunidade e, a segunda, devido a um acidente quase fatal sofrido há alguns anos. Atua, eventualmente, como guia de grupos de turistas de aventura a diferentes localidades. Viaja quinzenalmente para localidades como a Pedra do Baú, em Campos do Jordão, além de, eventualmente, treinar no Pico do Jaraguá, em São Paulo.

Os dois primeiros entrevistados não concordam com a classificação de uma viagem como turismo de aventura. Ambos acham que essa é uma palavra que serve como estratégia de marketing para gerar maior apelo a um tipo de viagem em que existe a prática de algumas atividades esportivas. Acreditam que não é possível rotular uma viagem dessa forma, pois ela pode englobar diversas atividades, como, por exemplo, observação da natureza, educação ambiental, atividades de caráter cultural, esportivo, etc. Já o terceiro não critica o uso desta terminologia, apesar de acreditar que aventura é um termo com sentido muito mais amplo do que o usualmente utilizado.

Para o primeiro entrevistado, aventura é ir em busca de liberdade. Segundo ele, os espaços naturais são os ambientes mais adequados para essa busca, pelas inúmeras possibilidades de interação que oferecem com animais ou com paisagens, ou por possibilitarem a prática de esportes. Nesses ambientes, as pessoas buscam novas sensações e emoções, que as distanciem da rotina entediante e pobre da cidade. Em sua opinião, o fazem é ecoturismo, ou uma viagem de auto-conhecimento, uma viagem a ambientes naturais, e que a aventura pode ser considerada uma das possibilidades desta modalidade de turismo. Para ele, existem diferentes gradações de aventura e a maior delas é a que tem o menor grau de planejamento. O maior aventureiro seria o tipo

company that organizes and sells non-conventional trips. He practices rafting, trekking, bungee jumping, scuba diving with white sharks, rappel, canyoning, parachuting, and kite surfing. He occasionally he works as a tour guide for non-conventional travel groups.

The third interviewee is 37 years old, He lives in São Paulo and works as an architect. He practices rock climbing, trekking, speleology, scuba diving, mountain biking and parachuting, although for the last two years, he has not practiced the latter two, in the case of the first due to a lack of opportunities, and in the case of the second, because of an almost fatal accident he suffered a few years ago. He occasionally works as a tour guide for adventure tourism groups in different places. He travels every two weeks to places like Pedra do Baú, in Campos do Jordão, and occasionally trains at the Pico do Jaraguá, in São Paulo.

The two first interviewees do not agree with the classification of travel as adventure tourism. Both believe that this expression is used as a marketing strategy in order to generate more appeal for the kind of travel that involves the practice of sports activities. They do not believe travel can be labeled in this way, because it can encompass various activities, such as nature observation, environmental education, cultural activities, sports, etc. the third interviewee does not criticize the use of the expression, although he believes that adventure is a term with a much wider meaning than that with which it is normally used.

For the first interviewee, adventure is the search for freedom. He believes that natural areas are the most appropriate settings for this search, due to the many opportunities they offer for interacting with animals or landscapes, and because they enable the practice of sports. In these settings, people search for new sensations and emotions that will distance them from the dull, deprived city routine. In his opinion, what they are practicing is ecotourism, journeys of self-discovery or travel to natural environments, and adventure can be considered as one of the possibilities of this category of tourism. For him, there are many different levels of adventure, the highest level being the least planned. The archetypal adventurer would be the "Indiana Jones" type, an individual who uses little equipment, with minimal advance planning, and has little knowledge about the locale. This opinion is shared by the third interviewee. He believes that there is no difference between adventure tourism and ecotourism, but argues that the former term implies that some more demanding physical activity is involved. He states that if a distinction must be made between the terms, both have in common contact with nature, and this

“Indiana Jones”, um indivíduo que utiliza poucos equipamentos, realiza pouco planejamento e não tem profundo conhecimento sobre o local, opinião que é compartilhada pelo terceiro entrevistado. Acredita que não há diferença entre turismo de aventura e ecoturismo, mas que a primeira terminologia faz pensar que há alguma atividade física mais exigente envolvida. Diz que, se houver a necessidade de distinção entre ambos, os dois têm em comum o contato com a natureza, que a pessoa busca para se sentir inserida no ecossistema, parte do ambiente. No entanto, acha que participar de uma excursão de ecoturismo com uma agência é uma experiência que não pode ser confundida com turismo de aventura, da qual o indivíduo participa na companhia de seus camaradas.

Para o segundo entrevistado, em uma viagem, a aventura é uma das possibilidades do turismo não convencional, que trabalha com aquilo que foge da normalidade, do dia a dia, do cotidiano, e que remete, normalmente, a algum tipo de atividade esportiva. Acha que, hoje em dia, o esporte radical está em moda. Acredita que a aventura se relaciona à parte cultural e esportiva, e que envolve a natureza, seja como cenário para as atividades ou como atrativo principal. Ele também acredita que qualquer viagem é uma aventura. Diz que, quanto maior a possibilidade de uma experiência trazer sensações novas, mais ela se aproxima de uma viagem de aventura. Tudo aquilo que é novo, desconhecido, tem caráter de aventura, mas, de qualquer forma, nada impede que alguém suba a Torre Eiffel e experimente uma aventura particular. Porém, diz que, se é necessário categorizar, certamente, o turista está muito mais propenso a encontrar aventura em atividades que são menos conhecidas e consagradas em destinos também não muito explorados. Para ele, turismo de aventura e ecoturismo não são a mesma coisa. Ele não vê o ecoturismo como uma segmentação de mercado. Diz que a palavra ecoturismo deve ser utilizada como um rótulo; as viagens são ecológicas ou não, independente de serem viagens convencionais ou não convencionais e devem receber um selo, algo como uma certificação ISO.

O terceiro entrevistado acredita que a maior característica da aventura é a busca de si mesmo, de auto-confiança, o que, em grande parte, é uma reação à urbanidade massificante, que prende o indivíduo ao capitalismo, ao dinheiro. Afirma ter prazer em superar seus limites e os da natureza. Acha que o termo aventura faz pensar em algo um tanto desmedido, não muito planejado e, para ele, o que faz é planejado, logo, não acha exatamente adequado o termo, mas acredita que não é errado utilizá-lo, pois as atividades envolvidas no chamado turismo de aventura não deixam de ser um

contact is what tourists are seeking in order to feel part of the ecosystem, part of the environment. However, he believes that joining an ecotourism excursion organized by a travel agent is an experience that should not be confused with adventure tourism, in which the individual participates with his/her colleagues.

For the second interviewee, an adventure during a journey, is one of the possibilities of non-conventional tourism, which goes hand-in-hand with escaping from the normal, day-to-day routine, and usually involves some kind of sporting activity. He observes that radical sports are fashionable nowadays. He also feels that adventure is related to culture and sports, and involves nature, either as the setting for the activities or as the main attraction. He views every journey as an adventure, and states that the greater the possibility of new sensations brought about by an experience, the closer this experience is to an adventure trip. Anything new and unknown can be described as adventure. There is nothing to stop someone from climbing the Eiffel Tower or experiencing a unique adventure. However, he states that if it is necessary to categorize, then the tourist is, without doubt, more likely to find adventure in activities that are less familiar, less well-known, and take place in less-explored destinations. For him, adventure tourism and ecotourism are not the same thing. He views ecotourism as a market sector, and believes that the word ‘ecotourism’ should be used a label; trips are either ecological or not, irrespective of whether they are conventional or non-conventional trips, and they should receive a seal of quality, such as ISO certification.

The third interviewee believes that the main characteristic of an adventure is the search for self, for self-confidence, which is largely a reaction to the mass urbanization that ties the individual to capitalism and money. He affirms that he derives great pleasure from overcoming his own limitations and those of nature. He believes that the term adventure evokes something indefinable, unplanned, and for him, the activities he carries out are planned, so he does not feel that the term is appropriate. However, he does not feel it is wrong to use the term, since the activities involved in so-called adventure tourism are still challenging. He claims that everything in life is an adventure, just living, even crossing the street is an adventure; he believes that to adventure is to search for new things, the desire to learn, to discover, to experience emotion.

He believes that adventure tourism is characterized by direct contact with nature and its elements, for the purposes of reflection and observation; according to him, this is one of the

desafio. Diz que tudo na vida é uma aventura, viver, atravessar a rua; acredita que aventurar-se é buscar coisas novas, é querer saber, descobrir, é emocionar-se.

Para ele, o que caracteriza o turismo de aventura é o contato direto com a natureza, com seus elementos, para contemplação e observação; esse, segundo ele, é um dos princípios do ecoturismo, interagir com a natureza e respeitá-la.

Ele, como o primeiro entrevistado, também acredita na existência de níveis, ou graus, de aventura. Um grupo de três ou quatro pessoas que vai escalar uma montanha de neve estaria praticando uma aventura radical, enquanto um fim de semana em Brotas, fazendo *rafting*, com a família ou amigos seria uma aventura *soft*. Concorde, também, que a busca de liberdade é uma das principais buscas do praticante.

No decorrer das entrevistas, as respostas de todos acabaram apresentando algum aspecto de comparação entre turista não convencional e turista convencional. Foi-lhes, então, perguntado qual é a diferença entre ambos. Para o primeiro entrevistado,

principles of ecotourism; interacting with and respecting nature.

Like the first interviewee, he also believes in the existence of levels or degrees of adventure. A group of three or four people climbing a snow-covered mountain would be practicing a radical adventure, while a weekend white-water *rafting* in Brotas with family and friends would be a tame adventure. He also state that one of the main goals of the person who practices adventure tourism is the search for freedom.

During the interviews, the responses of all the interviewees showed some points of comparison between non-conventional and conventional tourists. They were then asked what was the difference between the two types of tourist. For the first interviewee, a conventional tourist is someone who travels to buy handicrafts and “souvenirs”, to sunbathe, to take pictures of monuments – the same ones that are depicted on postcards - just to prove that he or she was there. In his view, the non-conventional tourist, on the other hand, is someone who is not only interested in the most famous

<b>Atividade</b>	<b>Descrição</b>
<i>Canyoning</i>	descida de rios por seu leito, vencendo obstáculos como cachoeiras e <i>canyons</i>
<i>Trekking</i>	caminhadas em trilhas naturais
<i>Rafting</i>	descida de corredeiras de rios em botes
<i>Rapel</i>	descida de desnível natural ou artificial (rochas, pedras, pontes, prédios) com a utilização de equipamento próprio de escalada
<i>Bungee jump</i>	salto de pontes, picos ou qualquer elevação natural ou artificial, utilizando equipamento especial
<i>Kite-surf</i>	prática de surf tracionado por uma pipa
Espeleologia	exploração de cavernas

Figura 1 -Glossário dos termos de aventura usados neste artigo

<b>Activity</b>	<b>Description</b>
Canyoning	Descending a river along its course, overcoming obstacles such as waterfalls and canyons
Trekking	Walking along nature trails
Rafting	Descending rapids in rivers, in inflatable dinghies
Rappel	Descending natural or artificial cliffs (rocks, high points, buildings) using proper climbing equipment
Bungee jumping	Jumping from bridges, high points or any natural or artificial elevation, using special equipment
Kite-surf	Surfing pulled by a kite
Speleology	Exploring caves

Figure 1 –Glossary of adventure terms used in this article

turista convencional é aquele que vai para fazer compras de artesanato e “lembrancinhas”, tomar sol na praia, tirar fotos dos monumentos – os mesmo representados nos cartões postais – , que tira as fotos só para provar que esteve na localidade. Já o turista não convencional, a seu modo de ver, é aquele que não está interessado apenas nos atrativos mais famosos.

O segundo entrevistado concorda com essa visão. Diz que turismo convencional é aquele voltado para as massas, tem produtos fechados, pacotes, que trazem um benefício muito grande para o cliente por ser uma viagem bem organizada, com itinerário e programação bem detalhados e pré-definidos e sempre dentro de uma estrutura de grupos com 40 pessoas, que visitam a localidade em ônibus, dispõem de uma forte estrutura para a realização de *tours* e acomodação em meios de hospedagem com algum conforto. São viagens nas quais se tem pouca mobilidade em termos de personalização do produto. Normalmente, buscam-se as atrações principais do destino, em pacotes que duram, em média, uma semana, ou, no máximo, duas, o que implica na visitação das atrações turísticas principais, eliminando a possibilidade de investigar, justamente por falta de tempo, a destinação a fundo.

Com relação às viagens não convencionais, acredita que são as que, em primeiro lugar, não trabalham com grupos de 40 pessoas, o que proporciona maior flexibilidade. Normalmente, os grupos têm tamanhos variados, mas nunca reúnem mais do que 15 pessoas. Acredita que não há como operar grupos com vinte pessoas ou mais em uma viagem que seja não convencional, por definição, porque há “gargalos” de transporte, de atividades etc. e, por menos que a operadora deseje, ela estará dentro das características do turismo de massa, ou convencional. Para ele, na abordagem não convencional, o objetivo também é conhecer os pontos turísticos tradicionais, os “cartões-postais”, mas há uma procura por algo além disso. A viagem não convencional proporciona diversas possibilidades de contato e aprendizado mais profundo de uma localidade, se comparada a uma viagem convencional, principalmente, pela maior duração da estada e pela negação de alguns clichês como o de “conhecer o maior número de atrações turísticas no menor tempo”. Ele cita, por exemplo, a procura por conhecer bairros típicos, ou bairros menos favorecidos, que tem aumentado muito. Segundo ele, nessas ocasiões, existe a possibilidade de interagir não somente com tudo aquilo que é bonito, moderno, famoso e rico, mas também com um lado que faz parte da cultura desses países e que, muitas vezes, relaciona-se à pobreza, a problemas sociais.

attractions.

The second interviewee agrees with this view. He says that conventional tourism is associated with mass tourism, with closed products, or packages. It provides the benefits of a well-organized trip, a detailed, well-planned itinerary and a program of events, and always caters for groups of forty people, who visit the destination by bus. It provides a strong structure for tours and accommodation in relatively comfortable accommodation. Trips of this type provide little mobility in terms of product customization. They generally involve visits to the main attractions of a destination, in packages lasting, on average, a week or two at most, which include visits to main tourist attractions. Due to the lack of time, there is generally no opportunity to explore the destination in greater depth.

He believes that non-conventional trips are those which, in the first place, do not deal with groups of forty, thereby enabling greater flexibility. The groups generally vary in size, but never have more than 15 people. He believes it is impossible to deal with groups of 20 or more on a trip that is non-conventional by definition, due to bottlenecks in transportation, activities, etc., and despite the operator’s desire to the contrary, it will display characteristics of mass or conventional tourism. He believes that in the non-conventional approach, the objective is also to visit traditional tourism attractions – the “picture postcards” – but there is also search for something else beyond that. A non-conventional trip provides various opportunities for a more in-depth contact with the destination, compared to a conventional trip, particularly due to the longer stay and the denial of some traditional clichés, like “visiting the highest number of tourism attractions in the shortest possible time”. He mentions, for example, the search for typical districts, or less popular areas that have increased a lot in popularity. He believes these occasions provide opportunities to interact, not only with all that is beautiful, famous, modern and rich, but also with the other side of the culture of these countries, which is often related to poverty and social problems.

Regarding the meaning of the term ‘radical’, the first and second interviewees believe that this is an over-stereotyped term used to describe certain sports. They do not agree with the classification of activities as radical. For them, trekking is not radical, even when people are injured or are at risk. For both interviewees, it is not the activity itself which should be classified as radical, but rather, the way in which the activity is carried out. The second interviewee states that the practice of bungee jumping is not radical, since the risk of accidents,

Com relação à questão sobre o significado do termo radical, na opinião do primeiro e do segundo entrevistados, radical é um termo muito estereotipado, que é utilizado para descrever algumas atividades esportivas. Não concordam com a classificação de atividades como radicais. Para eles, fazer uma trilha pode não ser algo radical, mesmo que as pessoas se lesionem ou se encontrem em situação de risco. Para ambos, não se pode classificar uma atividade como radical e sim a forma como é praticada. O segundo entrevistado afirma que praticar *bungee jump* não é uma atividade radical, pois a chance de ocorrer um acidente, baseada nas estatísticas, é de praticamente 0%.

Para o terceiro entrevistado, radical é o que não é considerado normal pela maioria das pessoas, é ultrapassar o que é visto como limite, seja ele físico ou mental.

Quando perguntados sobre o papel da natureza, todos concordam que ela é de fundamental importância. O primeiro entrevistado acredita que ela é condição *sine qua non* na decisão de se visitar um determinado local. Diz que só faz turismo de aventura em locais não degradados e o lugar ideal é ermo, quanto menos pessoas houver, melhor. Diz o entrevistado sentir que, naquele momento, acaba por fazer parte do ecossistema.

Para o segundo, cada vez mais, a natureza se transforma numa atração, por que a maioria das pessoas vive nas grandes cidades e a porcentagem de áreas naturais nas metrópoles vem caindo sensivelmente a cada dia. Isso faz com que haja pessoas que não conhecem elementos básicos da natureza. Para ele, a natureza se transformou em um dos pontos principais da viagem, se não o principal e, além de ser uma atração, em termos visuais e sensitivos, ela é também um cenário onde se pode praticar algumas das atividades envolvidas na viagem. A seu modo de ver, o contato com a natureza e com as pessoas são os elementos de que os turistas não convencionais mais gostam.

Ele comenta que existem alguns lugares em que se vai, especificamente, para observar a paisagem, em que nenhuma outra atividade é realizada, a não ser a contemplação. Afirma também que a reação das pessoas é muito diferente; algumas gostam de sentar-se e passar o dia inteiro meditando e admirando a beleza do lugar, outras, em poucos minutos, apreciam o lugar, tiram fotos e se dão por satisfeitas.

Para o terceiro entrevistado, a natureza é o cenário principal de contemplação para o turista, muito mais do que uma edificação humana. O turista de aventura busca, nos ambientes naturais, o contato com a terra, o ar e a água. Acredita que, pelo fato de a natureza ser a provedora dos elementos vitais, intuitivamente, estar num ambiente natural, e

according to the statistics, is virtually nil.

For the third interviewee, a radical sport is any sport not considered normal by the majority of people. It means overcoming what is seen as the limit, be it physical or mental.

When asked about the role of nature, all the interviewees agreed that it is of fundamental importance. The first interviewee believes that it is an essential condition when deciding to visit a given location. He says that he only practices adventure tourism in untouched, locations which are, ideally, remote, and where the less people there are the better. He feels that at these times he becomes part of the ecosystem.

For the second interviewee, nature is increasingly becoming an attraction due to the fact that most people live in big cities, and the rapid decrease in the percentage of natural areas in the urban areas. This means there are people that do not know the basic elements of nature. For him, nature has become one of the main aspects of a trip, if not *the* main factor, and besides being an attraction in visual and emotional terms, it is also a setting for carrying out some of the activities included in a trip. From his point of view, contact with nature and people are the elements most valued by non-conventional tourists.

He comments that there are some places which he visits specifically to observe the landscape. In these locations, the only kind of activity carried out is looking. He also states that people's reactions is very varied; some like to sit and spend the whole day meditating and admiring the beauty of the scenery, while others spend just a few minutes gazing at the scenery, take a few photographs, and feel satisfied.

For the third interviewee, nature is the tourist's main setting for observation, much more than man-made buildings. In natural environments, adventure tourists seek contact with the earth, the air and the water. He believes that since nature is the source of vital elements, being in a natural environment rather than locked in a house or apartment, is, instinctively, the real essence of man. This, he believes, is due to the development of human society. He believes that interacting with nature provides a real sense of freedom, a situation in which individuals feel they are part of a larger context.

All the interviewees believe that there is still a lot of work to be done in order to achieve an ideal level of environmental awareness, although they have already noticed, during their trips, an visible concern with appropriate behavior by people in natural environments.

For the first interviewee, how people should behave in natural environments is still a problem for

não trancado dentro de uma casa ou apartamento, é a verdadeira essência do homem. Para ele, isso acontece em decorrência do desenvolvimento da sociedade humana. Acredita que interagir com a natureza proporciona uma sensação real de liberdade, situação em que o indivíduo sente que faz parte de um contexto maior.

Todos acreditam que ainda falta muito trabalho para se chegar a um nível ideal de consciência ambiental, apesar de perceberem, em suas viagens, que já há uma visível preocupação com o comportamento adequado das pessoas em ambientes naturais.

Para o primeiro entrevistado, a maneira de se comportar em ambientes naturais ainda é um problema em muitos dos grupos que encontra pelo caminho, em suas viagens. São problemas referentes a lixo e restos de fogueira abandonados nos locais de passagem, barulho em excesso, entre outros. Acredita ter, ele próprio, uma postura adequada, pois não utiliza produtos que possam contaminar as águas, não abandona resíduos, etc. Ainda assim, acha que pode melhorar seu comportamento.

O segundo entrevistado afirma que sua empresa possui uma política muito severa em relação a essa questão. Em primeiro lugar, diz não trabalhar com um fornecedor de qualquer produto, seja ele convencional ou não convencional, que não tenha a preocupação de causar os menores impactos ao meio ambiente. Outra questão suscitada é que, antes de começar a viagem, são organizadas algumas reuniões, em que são passadas informações pré-embarque ao passageiro. Existem regras de conduta que são explicadas e com relação às quais não há flexibilidade. Entretanto, diz não ter muitos problemas com condutas inadequadas, devido ao perfil do cliente, que é o indivíduo com grande experiência em viagens e que, normalmente, dá valor a esses “detalhes” que, na verdade, são fatores muito importantes.

Não acredita que uma atividade específica seja, por definição, não ecológica. Diz que há algumas práticas que podem ser feitas e que levam o rótulo de turismo ecológico e que podem se transformar em não ecológicas em decorrência da forma como são praticadas.

O terceiro entrevistado acredita que a consciência ambiental ainda não é muito presente entre os turistas e acha que há necessidade de campanhas que visem à orientação de toda a população com relação à questão ambiental.

Quanto às motivações de uma pessoa que procura por esse tipo de viagem, o primeiro pesquisado diz que é uma busca por vários objetivos, como querer se ver distante da multidão, sentir prazer, emoções fortes, lidar com o auto-

many groups that he encounters on his treks, during his trips. These problems relate to litter and abandoned fires along the pathways and excessive noise, among other causes. He believes his own attitude is appropriate, since he does not use products that pollute the water, nor does he leave waste, etc. In spite of this, he feels there is still room for improvement in his own behavior.

The second interviewee states that his company follows a very strict policy on this issue. Firstly, he says that they do not work with any product suppliers, whether conventional or non-conventional, who are not concerned with minimizing the impacts on the environment. Another issue his company takes into consideration is that before starting a trip, a series of meetings is arranged to provide information to passengers before setting off. Codes of conduct are explained, and these are strictly adhered to. However, he says that they do not experience many problems with inappropriate behavior due to the profile of their clients, who are individuals with wide travel experience and who normally attach value to these “details” which, in truth, are very important factors.

He does not believe that a particular activity can be defined as non-ecological. He says that some practices that are currently labeled ‘ecological tourism’ can become non-ecological due to the way in which they are carried out.

The third interviewee believes that environmental awareness is still not prevalent among tourists, and that there is a need for campaigns aimed at providing guidance to the population concerning the environmental issue.

Concerning the factors that motivate people to seek out this kind of trip, the first interviewee says that it is a search for various objectives, such as a desire to get away from the crowd, pleasure, strong emotions, dealing with self-control and gaining control over situations. He says that he sometimes feels fear, but that it is a “a good fear”, because he is doing what he likes to do. He himself sought out the situation and is responsible for what happens. He desires to get from the stressful routine of the city and work. He seeks the freedom to do what he wants, when he wants, which, for him, is not possible in the city. He returns revitalized. He enjoys the quietness, listening to the birds and the sound of the ocean. He does not like excursions, either as a member or their presence in the places he visits. He likes to be able to choose where and when to eat and set up camp.

For the second interviewee, the aim of non-conventional trips is to provide, at all times, an

controle, ter domínio das situações. Às vezes, diz que sente medo, mas um “medo bom”, porque está fazendo o que gosta, procurou aquela situação e é responsável por ela. Ele busca sair da rotina estressante da cidade e do trabalho. Busca a liberdade de fazer o que deseja, no momento que deseja, coisa que, segundo ele, não é possível na cidade, e volta revigorado. Gosta de sossego, de ouvir os pássaros e o mar. Afirma não gostar de excursões, tanto como participante, quanto com a presença delas nos locais onde está. Gosta de escolher onde comer, onde acampar, o quê e quando fazer.

Para o segundo entrevistado, com a viagem não convencional pretende-se que todos os momentos tenham uma emoção, uma sensação diferente, que se vivencie alguma particularidade do destino visitado e que seja propiciada uma experiência nova, mesmo nos deslocamentos, refeições, serviços, em tudo aquilo que é elemento da logística da viagem.

O terceiro entrevistado acredita que a motivação do turista de aventura é a busca interior e a busca de liberdade. Para ele, na cidade, o ser humano vive em claustros, trabalha das 8 às 17h, volta para casa, tranca-se em seu apartamento. Isso, a seu ver, é um massacre à liberdade incondicional de ser humano. Nas viagens, o indivíduo pode respirar, ter o direito de ir e vir, à hora que você desejar, sem qualquer imposição. Acredita que, tanto o turista, que vai seguro com a sua agência, quanto o esportista, que planeja por alguns meses a subida de uma montanha, têm o mesmo intuito, que é a busca por si próprio, pelos seus limites. Para ele, isto é um instinto e, intuitivamente, o ser humano que vive nas cidades faz essa busca. Segundo ele, ao se observar a vida nas cidades, vê-se as pessoas lutando com a racionalidade e a irracionalidade o tempo todo, sendo que, na verdade, os dois lados têm que estar em equilíbrio.

Foram questionados se consideram a si próprios como turistas e todos responderam afirmativamente a essa questão. O primeiro diz que é um turista, mesmo sendo um turista “diferente”. O terceiro acha que é um turista, mas não um turista “comum”, que participa de viagens já organizadas, mas um que cria o seu próprio caminho e organiza sua própria viagem.

O segundo entrevistado sugere uma definição de dois perfis distintos de indivíduos, o turista e o viajante. Em sua opinião, o turista está muito preso ao cotidiano, aos 11 meses de trabalho que precisa dar para a sociedade. Ele tem a necessidade de status, de recreação, de poder dar um basta na rotina, neste um mês de “tempo-livre” de compromissos, precisa fazer uma viagem para poder mostrar as fotos para os amigos, consumir na

emotion, an unusual sensation, an experience of some aspect of the destination visited, and new experiences even in the transport, the meals, the services, and everything else that makes up the logistics of the trip.

The third interviewee believes that the motivating factors of adventure tourism are the search for the inner man, for freedom. For him, people in cities are living cloistered lives, working from 8 to 5, returning home, and locking themselves in their apartments. In his view, this is a massacre of unconditional human freedom. During a trip, the individual can breathe and can come and go at any time, without any imposition. He believes that both the tourist who travels in safety with a travel agency, and the sports person, who plans a mountain-climbing trip months ahead, have the same goal, which is to search for the self, for one's limits. For him, this is an instinct; a search that is carried out intuitively by all human beings living in cities. According to him, looking at life in cities, you can see people struggling with rationality and irrationality the whole time, when, in truth, both sides should be balanced.

The interviewees were questioned as to whether they considered themselves tourists, to which all three responded affirmatively. The first considers himself a tourist, albeit a “different” kind of tourist. The third believes he is a tourist; not a “common” tourist, traveling in organized groups, but rather one who creates his own route and organizes his own trip.

The second interviewee suggests two distinct individual profiles: the tourist and the traveler. In his opinion, the tourist is tied to his daily routine, to the eleven months in which he is forced to work for society. He has a need for status, and recreation. He needs to be able to put a stop to the routine, to travel and be able to show his photographs to his friends, to be a consumer during the trip, to bring himself something new that will give him the required motivation for the months of work ahead, which will continue with the same old company, boss, complaints, etc. The tourist is someone who seeks the help of a guide who will make his experience in Azerbaijan as close as possible to his experience back home. The tourist wants to keep all the conditions of where he came from, while at the same time, he wants to see a world that is different from his normal day-to-day routine, giving the impression that the most important thing is to change the setting

According to second interviewee, a traveler, on the other hand, is someone who is, first and foremost, motivated to discover something different. He tends to adapt himself to the local culture, food, language, etc.

viagem, trazer alguma coisa nova para si mesmo, para que possa ter uma nova motivação para os próximos meses de trabalho, que vão continuar com empresa, patrão, reclamações, etc. O turista é aquela pessoa que vai buscar o auxílio de um guia, para que faça com que a experiência no Azerbaijão seja a mais próxima possível da experiência que ela tem em sua cidade natal. O turista quer manter todas as condições da sua origem, mas, ao mesmo tempo, quer ver um mundo diferente do que ele tem no seu dia a dia, passando a impressão de que o importante é a mudança de cenário.

Já o viajante, a seu ver, é aquele que, antes de mais nada, está motivado a conhecer algo diferente, estando muito mais propenso a se adaptar aos aspectos da cultura do povo da localidade visitada, em termos de alimentação, idioma, etc.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

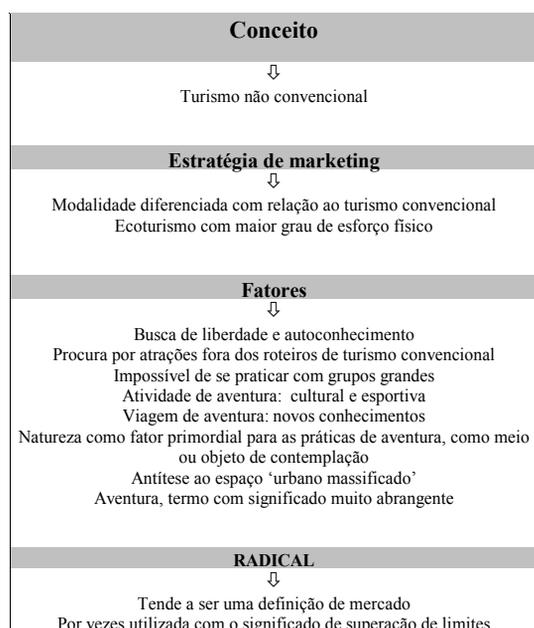


Figura 2 - Definições de turismo de aventura segundo resultados da pesquisa

Todos os entrevistados acreditam que a nomenclatura turismo de aventura é utilizada pelo mercado como forma de agregar valor ao produto oferecido, denotando algo “diferente” daquilo que se encontra nos pacotes tradicionais.

Os dois primeiros pesquisados acreditam ser impossível rotular e classificar uma viagem de acordo com uma única segmentação. Para o primeiro, se uma pessoa compra um pacote numa agência, em que está incluída a descida de um rio, a prática de bóia-cross, as refeições no restaurante de uma fazenda e um passeio no centro histórico da cidade, ela estará praticando ecoturismo, turismo de aventura e turismo convencional na mesma viagem. Acredita ser impossível estabelecer uma linha de separação entre as atividades que caracterizam uma

## FINAL CONSIDERATIONS

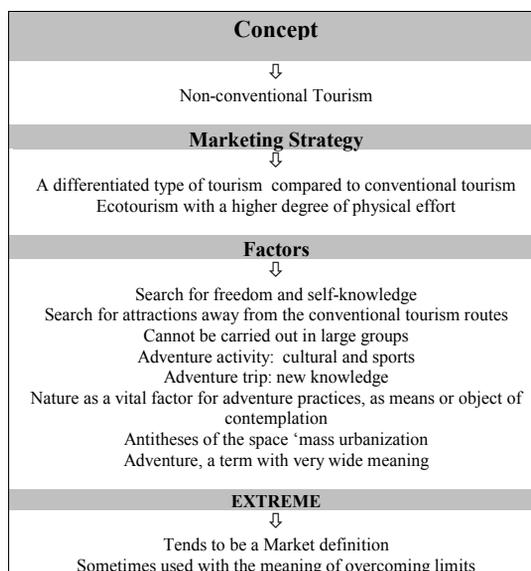


Figure 2 - Definitions of adventure tourism according to research results

All three interviewees believe that the term ‘adventure tourism’ is used by the market as a means of adding value to the product offered, denoting something “different” from that found in traditional tourism packages.

The first two interviewees believe that it is possible to label and classify a trip within a single sector. For the first interviewee, a person can buy a package holiday in a travel agency, which includes a riverboat trip, buoy-cross, meals in a farm restaurant and a visit to the historic part of the town, and he is practicing ecotourism, adventure tourism and conventional tourism all on the same trip. He believes it is impossible to draw a dividing line between the activities that characterize a specific type of tourism.

The second interviewee defines the term non-conventional tourism, which is used to designate a trip with multiple activity options, including sports, visit to monuments, and contact with the local community, etc. The characteristics that differentiate this sector from the conventional one (i.e. mass tourism) are, in his view, the reduced number of members per group, the flexibility of the itinerary and the search for attractions that are not “the most common” tourist attractions. In addition, it provides deeper contact with the locality, rather than attempting to visit the largest possible number of attractions in the shortest possible time.

Although they do not provide absolute definitions, the other interviewees give the same suggestion, i.e., that the trips they carry out can be classified as non-conventional tourism. However, neither of them mention the term alternative

modalidade específica.

O segundo entrevistado define o termo turismo não convencional, utilizado para designar a viagem que tem múltiplas opções de atividades, incluindo esportes, visita a monumentos, contato com a comunidade local, etc. As características que diferenciam este segmento do convencional (turismo de massa) são, a seu ver, o número reduzido de integrantes por grupo, a flexibilidade no roteiro e a busca por atrações que não são as “mais turísticas”, além disso, proporciona um contato mais profundo com a localidade, em que não se busca conhecer o maior número de atrações no menor tempo.

Apesar de não fornecerem definições tão completas, os demais pesquisados sugerem o mesmo, que as viagens que praticam podem ser classificadas como turismo não convencional. Nenhum deles, porém, faz menção ao termo turismo alternativo, fato interessante, já que vários autores utilizam tal nomenclatura como sinônimo de turismo não convencional.

Todos citam a questão de a viagem não convencional ser uma possibilidade de fuga da rotina estressante, repressora e artificial da vida na cidade, sendo esta a maior motivação para a busca por esse tipo de viagem.

A natureza é, por todos, citada como elemento fundamental em suas viagens. Acreditam que ela é o cenário ideal para a prática de esportes e contemplação, representando uma possibilidade de integração com os elementos dos quais o homem se distancia nas grandes cidades, o ar, a água e o solo, não poluídos e pouco modificados.

Todos têm uma visão negativa sobre o turismo de massa e buscam se distanciar o máximo possível desse tipo de turista, tanto nas atividades que praticam quanto nas localidades que visitam.

Com relação ao uso da nomenclatura turismo de aventura, há certo consenso de que ela tem sido empregada com fins mercadológicos, a fim de agregar valores como emoção e adrenalina a viagens que podem ser convencionais ou não convencionais. Acreditam que aventura é um termo com abrangência muito ampla, que não é correto classificar uma viagem como de aventura por diversos motivos, entre eles, o fato de que qualquer viagem pode ser uma aventura. Por expor o indivíduo a situações diferentes, as atividades chamadas de aventura podem ser apenas uma das possibilidades de uma viagem, que, pelo tipo de motivação, seria mais corretamente denominada de não convencional. As atividades esportivas são meios que, juntamente ao ambiente natural, podem propiciar o alcance dos dois objetivos, os quais, segundo os entrevistados, são os principais para esse tipo de turista: auto-conhecimento e busca de liberdade.

tourism, which is interesting given that various authors use this term as a synonym for non-conventional tourism.

All three interviewees mention the idea of a non-conventional trip as an opportunity to escape from the stressful, repressive and artificial routine of city life, this being the primary motivating factor for this kind of trip.

For all three, nature is mentioned as a fundamental element of their trips. They believe that nature provides the ideal setting for the practice of sports and meditation, and represents an opportunity to integrate with the elements from which man is distanced in the large cities, such as the air, water, and earth, which are unpolluted and little altered.

All have a negative perception of mass tourism, and try to avoid this kind of tourist as much as they can, either in the activities they practice or in the places they visit.

Concerning the use of the term ‘adventure tourism’, there is a general consensus that it has been used for sales purposes in order to add value, such as emotion and adrenaline, to trips that could be defined as either conventional or non-conventional. They believe that ‘adventure’ is an excessively broad term, and that it is inappropriate to classify a trip as an adventure for a number of reasons, including the fact that any trip can be considered an adventure. Since the individual is exposed to different situations, so-called adventure activities are just one of the possibilities in a trip which, due to its motivating factor, would be more properly termed non-conventional. Sports activities, as well as the natural environment, enable two objectives to be achieved which, according to the interviewee, are the main objectives for this kind of tourist: self-knowledge and the search for freedom.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DESLANDES, Sueli Ferreira A. Construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social, teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

GODOY, Arilda Schimidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v.35 n.2 pp.57-63, mar./abr., 1995.

HOFMANN, Rich. *Eight questions about qualitative and quantitative research*, 1999. ([http://www.coe.u ga. du/ quig/ archives/ QUIG95\\_Proceedings/index.html](http://www.coe.u ga. du/ quig/ archives/ QUIG95_Proceedings/index.html))

KING, N. The qualitative research interview. In: CASSELL, Catherine; SYMON, Gillian (eds.). *Qualitative methods in organizational research, a practice guide*. Londres: Sage Publications, 1995, pp. 14-36.

LOCKE, Laurence. F.; SPIRDUSO, Wannan W.; SILVERMAN, Sthephen J. *Proposals that Work, A guide for planning dissertations and grant proposals*. California, EUA: Sage Publications, 1993, 3ª ed.

MARSHALL, C. & ROSSMAN, Gretchen. B. *Designing qualitative research*. 2ª ed. California, EUA: Sage Publications, 1995,.

MOREIRA, Daniel Augusto. A. *Introdução à pesquisa científica*. Disciplina Metodologia da Pesquisa Qualitativa, Curso de Pós-graduação. São Paulo: ECA/USP, 2001, apostila de aula.

PATTON, Michall Quinn. *Qualitative evaluation and research methods*. 2ª ed. California, EUA: Sage Publications, 1990.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: TA Queiroz, 1991.

SILVERMAN, David. *Qualitative research: theory, method and practice*. Londres: Sage Publications, 1998.

## BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

DESLANDES, Sueli Ferreira A. Construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social, teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

GODOY, Arilda Schimidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v.35 n.2 pp.57-63, Mar./Abr., 1995.

HOFMANN, Rich. *Eight questions about qualitative and quantitative research*, 1999. ([http://www.coe.u ga. du/ quig/ archives/ QUIG95\\_Proceedings/index.html](http://www.coe.u ga. du/ quig/ archives/ QUIG95_Proceedings/index.html))

KING, N. The qualitative research interview. In: CASSELL, Catherine; SYMON, Gillian (eds.). *Qualitative methods in organizational research, a practice guide*. London: Sage Publications, 1995, pp. 14-36.

LOCKE, Laurence. F.; SPIRDUSO, Wannan W.; SILVERMAN, Sthephen J. *Proposals that Work, A guide for planning dissertations and grant proposals*. California, EUA: Sage Publications, 1993, 3ª ed.

MARSHALL, C. & ROSSMAN, Gretchen. B. *Designing qualitative research*. 2ª ed. California, EUA: Sage Publications, 1995,.

MOREIRA, Daniel Augusto. A. *Introdução à pesquisa científica*. Disciplina Metodologia da Pesquisa Qualitativa, Curso de Pós-graduação. São Paulo: ECA/USP, 2001, apostila de aula.

PATTON, Michall Quinn. *Qualitative evaluation and research methods*. 2ª ed. California, EUA: Sage Publications, 1990.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: TA Queiroz, 1991.

SILVERMAN, David. *Qualitative research: theory, method and practice*. London: Sage Publications, 1998.